

APOSENTADORIA E PERMANÊNCIA NO TRABALHO

Ana Patrícia Alves Vieira Parizotto*

Marisa Ivete Soster Sartori**

Resumo

A aposentadoria estabelece um marco que envolve significativas mudanças na rotina e na identidade dos sujeitos, causando diversas modificações na vida pessoal, econômica e social destes. O objetivo geral com esta pesquisa foi identificar as concepções dos profissionais que continuam trabalhando a respeito da sua aposentadoria e sua permanência no trabalho, bem como identificar o significado do trabalho para os sujeitos. A pesquisa assume relevância em razão do aumento significativo da longevidade, bem como do aumento do número de aposentados que exercem atividade profissional na atualidade, ressaltando, ainda, a pouca prevalência de estudos sobre o referido tema. Os sujeitos da pesquisa foram quatorze profissionais atuantes em uma Universidade situada no Meio-Oeste catarinense. Nesse sentido, como critérios de inclusão, fizeram parte da pesquisa os aposentados que continuam trabalhando e que aceitaram participar deste estudo. Para realizar a pesquisa, optou-se por uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, na qual foi realizada entrevista semiestruturada, gravada e, posteriormente, transcrita e analisada por meio da análise do conteúdo. O estudo possibilitou identificar o impacto que a aposentadoria causa na vida dos sujeitos em virtude da perda de espaços e *status* que o trabalho proporciona; desse modo, eles acabam se frustrando diante dessa situação de perda, ocasionando sofrimento, sentimentos de vazio e de desamparo, influenciando em sua vida pessoal e social. A permanência no trabalho após a aposentadoria ocorre, principalmente, por necessidade financeira, além ser uma ocupação, uma forma de ser útil para a sociedade e para se manter atualizado. Palavras-chave: Aposentadoria. Trabalho. Impacto. Sobrevivência. Gênero.

Retirement and keeping the job

Abstract

Retirement establishes a mark involving significant changes in routine and in the identity of the subjects, causing several changes in their personal, economic and social life. This research's main objective was to identify the conceptions from the professionals who keep working after retirement and their stay in the market and the meaning of work for them as well. The research is relevant because of the significant increase in longevity and the increasing number of retirees performing professional activity nowadays, and also because of the low prevalence of studies on the topic. The subjects of the research were fourteen professionals working in a University located Midwest of Santa Catarina. Being so, retirees who continue to work and who agreed to participate in this study were part of this study. To conduct the research, a descriptive research of qualitative aspect was selected, which consisted of a semi-structured interview, which was recorded, transcribed, and analyzed by using content analysis. The study identified the impact that retirement provides to subjects' lives due of the loss of status and space that a job provides; thus, they end up feeling frustrated towards this situation, leading to suffering, emptiness and helplessness, influencing their personal and social life. Continuing to work after retirement occurs, mainly, for financial need, besides being an occupation: a way to be useful to society and to keep updated. Keywords: Retirement. Work. Impact. Survival. Genre.

1 INTRODUÇÃO

A aposentadoria é um tema amplamente discutido na atualidade em razão da sua importância na vida dos sujeitos e por ocasionar transformações na rotina e na identidade dos sujeitos, causando diversas modificações na vida pessoal e social destes. Ela estabelece um marco que envolve significativas mudanças, as quais são acompanha-

* Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; ana.parizotto@unoesc.edu.br

** Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina; marisa.sartori@hotmail.com

das por ganhos e perdas, além de originar expectativas de melhor qualidade de vida nos sujeitos. Porém, a aposentadoria também pode resultar em sentimentos de inutilidade, insegurança, instabilidade econômica, doença e velhice.

Tais fatos ocorrem em razão da importância do trabalho na vida das pessoas, como pode ser observado nos estudos realizados por Coutinho, Krawulski e Soares (2007), os quais afirmam que o trabalho é um elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito, por isso, deve ser repensado com lucidez.

Desse modo, para Moreira (2011), manter o vínculo empregatício após a aposentadoria oferece diversos ganhos, como manter valorizada a condição de trabalhador e afastar os fantasmas das perdas e limitações da velhice.

Aliado a isso, conforme França (2010, p. 13), o mundo está envelhecendo, inclusive no Brasil, e esse processo está acelerado em virtude da queda da taxa de natalidade nos últimos anos e, também, do avanço da tecnologia e da medicina que vêm prolongando a vida e, conseqüentemente, elevando o número de aposentados, o que representa um dos maiores desafios da atualidade.

Assim, para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 115-116), é importante valorizar a aposentadoria como um momento de escolha do sujeito, pois é ele quem deve decidir qual é o melhor momento de se aposentar e ou de sair da organização.

Nesse sentido, é preciso enfatizar a realização de pesquisas sobre as atitudes, os interesses e os desejos dos trabalhadores mais velhos diante da continuidade no trabalho ou da aposentadoria, e, assim, indicar alternativas para a criação de diretrizes e projetos que possam ser adotados em parceria com empresas, com o governo e a sociedade (FRANÇA; CARNEIRO, 2009). Para os autores, as pesquisas nessa área poderão facilitar a livre escolha dos trabalhadores mais velhos diante do mercado de trabalho, bem como da aposentadoria e, ainda, assegurar o bem-estar desses profissionais futuramente.

Conforme França e Soares (2009), “[...] Há, sem dúvida, uma carência de estudos e pesquisas diante dessa realidade, e são desconhecidos e imprevisíveis os comportamentos dos trabalhadores e das empresas frente ao aumento da expectativa de vida.”

Nesse sentido, a pesquisa assume relevância social e científica em razão do aumento significativo da longevidade, bem como do aumento do número de aposentados que exercem atividade profissional na atualidade e em decorrência da escassez de estudos sobre a permanência no trabalho após a aposentadoria. Assim, com esta pesquisa se objetivou identificar a concepção dos profissionais aposentados que continuam trabalhando em uma Universidade situada no Meio-Oeste de Santa Catarina a respeito da aposentadoria e de sua permanência no mercado de trabalho além de identificar o significado do trabalho para esses sujeitos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITOS DE TRABALHO

O trabalho faz parte da evolução da história da humanidade e do homem, uma vez que é por meio do trabalho que os sujeitos interagem com diversos grupos sociais e no ambiente onde vivem. Nesse sentido, diversos conceitos são atribuídos ao trabalho.

Para Lima e Vieira (2006, p. 48), “A herança histórica do significado do trabalho chegou à atualidade através da própria língua, com o sombrio significado da palavra, oriunda de *tripalium* trazendo uma avaliação negativa do trabalho [...]”

Do mesmo modo, em estudos realizados por Albornoz (1986, p. 10), a palavra trabalho originou-se do latim *tripalium* instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes munidos de pontas de ferro, o qual era utilizado pelos agricultores para bater trigo, as espigas de milho e linho. O mesmo autor, ainda, relata que o instrumento foi usado como um instrumento de tortura, originando o significado do trabalho como padecimento e sofrimento.

Tais concepções se assemelham com os estudos realizados por Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 21), os quais afirmam que a origem da palavra trabalho é bastante conhecida e está associada a alguma forma de sofrimento, tortura ou como um esforço doloroso. Conforme os autores, essa interpretação negativa era realizada por muitos, mas

esse tipo de conotação está associado à compreensão de atividade laborativa como uma fonte de alienação econômica, política e de aflição para aqueles que a realizam e de dominação para outros.

Ainda para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 21), o trabalho é compreendido como todo esforço realizado pelo ser humano, físico ou psíquico, uma vez que ao intervir no ambiente onde vive, com a finalidade de transformar ele, o mesmo também se transforma.

Nesse sentido, para Dejours (2005, p. 58), o ato de trabalhar não é somente uma forma de executar as tarefas técnicas, mas também de fazer funcionar a organização social e as dinâmicas intersubjetivas indispensáveis à psicodinâmica do reconhecimento e do caráter que é necessário para a mobilização subjetiva da personalidade e da inteligência do sujeito.

Desse modo, em qualquer lugar onde houver uma ação realizada pelo ser humano, física ou psíquica, pode-se dizer que é uma forma de trabalho e de interação social, considerando-se que o homem é um ser social e como um ser social ele não vive sozinho, mas em constante interação com outros sujeitos e com sua personalidade e inteligência, e busca transformar o ambiente onde vive, mesmo que o trabalho, na sua essência, represente sofrimento, ou um esforço doloroso.

2.2 SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA OS SUJEITOS

O homem vem evoluindo e atribuindo diversos significados ao trabalho. Para alguns denota sofrimento e para outros interação social aliada à construção de sua identidade.

Em estudos realizados por Lima e Vieira (2006, p. 52), o significado do trabalho para os sujeitos está relacionado com o exemplo ou o comportamento dos pais aliado à condição socioeconômica. Os pais são os principais formadores do significado do trabalho para os filhos por intermédio dos exemplos reproduzidos ao longo da vida, principalmente, durante a infância.

Pode-se inferir, ainda, que o trabalho na concepção de Alvarenga et al. (2009), “[...] é um importante elemento na construção da identidade pessoal. Exemplo disso é o enfoque dado à nossa ocupação profissional quando nos apresentamos a alguém. O trabalho colabora para a construção do ser social, uma vez que o homem se produz e reproduz pelo trabalho.”

O trabalho [...] tem uma dupla influência sobre o indivíduo. Por um lado, enquanto instituição ele oferece ao sujeito um ambiente estruturante, um sistema de referência. Através das instituições, o sujeito se torna parte de um grupo social, encontrando a partir dele sua identidade social, seu status, seus papéis, [...] enquanto valor econômico ele constitui o meio principal de independência da maioria dos trabalhadores. (SANTOS, 1990, p. 18).

Desse modo, de acordo com o relato de Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 25), “[...] o trabalho deveria satisfazer pelo menos as necessidades básicas diárias, na perspectiva psicológica é uma categoria central no desenvolvimento do autoconceito e uma fonte importante de autoestima. É a atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano [...]”

Em estudos realizados por Araújo e Sachuk (2007), denota-se a importância de compreender os significados do trabalho para os indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas e suas implicações na constituição do sujeito não somente para os administradores, mas também para todos aqueles que direta ou indiretamente estão ligados às organizações de trabalho.

Esses significados destacados dependem exclusivamente do modo que os sujeitos percebem o trabalho e de sua importância atribuída ao longo de suas vidas, pois este, além de proporcionar o salário como meio para satisfazer suas necessidades, contribui para a autoestima e oportuniza a interação social entre as pessoas, pois é nesse ambiente que os indivíduos podem desempenhar suas funções que, mesmo sendo rotineiras, têm reconhecimento social.

O significado do trabalho para os gêneros ao longo dos anos vem se modificando e ganhando novas significações, embora ainda seja um assunto cercado de preconceitos quando se refere ao gênero feminino.

No contexto brasileiro, conforme pesquisa de Araújo et al. (2006), a realidade é marcante quando se refere a domínios ocupacionais, pois é visivelmente diferenciada entre os gêneros, e as oportunidades são desiguais. No setor educacional, por exemplo, há ampla participação feminina, embora no Brasil esse processo de expansão de pessoas do gênero feminino na Educação tenha sido desencadeado a partir do século XX. Desse modo, as mulheres foram convocadas a exercer a função de educadoras, e sua incorporação ao trabalho formal em educação ocorreu em razão da concepção de que a docência seria um ato de educar, por isso, seria uma atividade feminina, especialmente por envolver o cuidado aos outros.

Esse fato vem ao encontro da pesquisa realizada por Chies (2010), na qual se relata que a situação diferenciada entre homens e mulheres no campo de trabalho é explicada por essa construção de papéis de gênero que, historicamente, delimitaram às mulheres as responsabilidades e os cuidados domésticos e o espaço privado aos homens. Ainda para Chies (2010), as profissões que possuem prestígio na sociedade eram vistas como sendo masculinas, a exemplo da Medicina, a Engenharia e outras profissões, as quais eram consideradas de gênero masculino. No entanto, foram necessárias transformações nessas profissões para o gradativo acesso das mulheres, o que ocorreu por meio da escolha de determinadas especialidades.

Dessa maneira, diversas transformações foram ocorrendo ao longo dos tempos em relação ao trabalho, em que o gênero masculino precisou se adequar ao novo espaço conquistado pelas mulheres, e elas, além de conquistar seu espaço, conquistaram também sua independência. Por intermédio dessas mudanças o trabalho adquiriu novos significados tanto para os homens quanto para as mulheres.

2.4 CONCEITOS DE APOSENTADORIA

A aposentadoria pode representar uma nova etapa de mudanças na vida dos sujeitos, de novas realizações, experiências profissionais, afetividade, mas também pode significar um vazio ou uma espécie de morte existencial.

De acordo com Oliveira, Torres e Albuquerque (2009), a aposentadoria é um fenômeno historicamente recente no Brasil, pois o primeiro instituto de aposentadoria e pensões foi criado em 1934. O planejamento da aposentadoria está diretamente ligado às condições governamentais. As políticas previdenciárias, econômicas, de saúde e de educação proporcionam ou não melhorias para o entendimento e a execução do processo de aposentadoria.

A aposentadoria, conforme Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 33), é um momento de transição que oferece desenvolvimento pessoal, quando são descobertas novas potencialidades que proporcionam prazer, maturidade e crescimento, mas, por outro lado, pode gerar desequilíbrio e infelicidade. Quando ocorre de forma brusca, sem uma orientação prévia, contribui para a ocorrência de problemas de reposicionamento na estrutura social, bem como na vida pessoal dos sujeitos.

A transição para a aposentadoria pode representar uma forma de liberdade para alguns sujeitos, embora seu impacto, por vezes, acabe afetando até mesmo os sujeitos que, de certa forma, estavam preparados para sua chegada. Muitos ficam sem saber o que fazer principalmente quando associado a outros aspectos psicológicos, sociais e de saúde.

Oliveira, Torres e Albuquerque (2009) relatam que:

A aposentadoria revela uma ambivalência, pois ao mesmo tempo em que é a conquista, por meio do trabalho, [...] é também marginalizada, como uma inutilidade, pela sociedade produtiva, e como um período de decadência, pela concepção social que valoriza o belo, o forte, o jovem e o saudável. A aposentadoria deveria ser o auge do bem-estar psicossocial, pois, desde o nascimento, o homem prepara-se para trabalhar e, no futuro, aposentar-se.

Uma das maneiras de compreender o conceito da aposentadoria, conforme Rodrigues (2007 apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 31) é mediante dois pontos essenciais: o de inatividade após o tempo de serviço e o de remuneração por essa inatividade. Esses fatores são indispensáveis para compreender as consequências na vida dos sujeitos diante da aposentadoria, uma vez que a inatividade profissional contribui para a exclusão do mundo produtivo dos aposentados nas sociedades modernas.

Conforme Costa e Soares (2009) em uma pesquisa realizada pelo *Instituto de Pesquisa Econômica* (IPEA) em 2008, há um levantamento que evidencia o aumento na perspectiva de vida da população brasileira, aproximando-se aos números de países desenvolvidos. Nos dados obtidos projeta-se que a população brasileira com 60 anos ou mais duplicará entre 2007 e 2025, ou seja, em um período de 18 anos.

Do mesmo modo, em uma pesquisa de França e Soares (2009), ainda se destaca que:

A expectativa de vida dos brasileiros, atualmente, é de 73 anos, o que representa mais de 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. Em 2050, a expectativa de vida alcançará 81 anos. Nessa época, o País terá igual número de idosos e de jovens, que representarão 18% da população geral, ou 47 milhões de pessoas em cada uma dessas faixas etárias. Por outro lado, as Nações Unidas (2002) indicam que a taxa de dependência dos aposentados da classe economicamente ativa tende a cair gradualmente ao longo dos próximos anos. O Brasil, em 2050, terá apenas três trabalhadores para sustentar um aposentado.

Nesse mesmo sentido, destacam-se dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013), conforme Censo Demográfico de 2010:

Em 2010, a esperança de vida ao nascer⁵ no Brasil, para a população de ambos os sexos, alcançou 73,76 anos (73 anos 9 meses e 3 dias). Como em 1980, a expectativa de vida foi de 62,52 anos, houve, neste período, um acréscimo de 11,24 anos (11 anos, 2 meses e 27 dias). Assim, ao longo de 30 anos, a esperança de vida ao nascer no Brasil incrementou-se, anualmente, em média, em 4 meses e 15 dias.

Com o aumento da expectativa de vida dos sujeitos é importante realizar pesquisas sobre o assunto e, assim, melhorar o bem-estar dos aposentados e promover uma atividade laboral mais condizente com a realidade desses profissionais.

2.5 CONCEPÇÕES DE APOSENTADORIA E A PERMANÊNCIA DO APOSENTADO NO TRABALHO

A concepção é um ato de conceber ou de criar mentalmente uma ideia sobre determinado assunto, como descreve Ferreira (2010, p. 548). Assim, seguem algumas concepções dos sujeitos acerca da aposentadoria e da sua permanência no trabalho, mesmo estando aposentados.

Na concepção dos aposentados ou descartados, conforme Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 31), a perda do trabalho denota “[...] perda da posição, dos amigos, de núcleo de referência, da transformação dos valores, das normas e das rotinas, e a submissão a condições que agridem a autoestima e a imagem de si mesmo [...]” Esse fato ocorre em virtude da importância do trabalho na vida dos sujeitos, o qual proporciona intenso significado na sua construção. Por esse motivo, com a proximidade da aposentadoria, ocorre perda de identidade, que acompanha o término do ciclo formal da vida profissional, em razão de a autoimagem ocupacional do sujeito estar expressivamente relacionada com sua autoimagem total (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 25).

A aposentadoria, de acordo com Souza, Matias e Brêtas (2010) não é observada como direito conquistado, mas como momento da mudança de papel social quase sempre estigmatizado. No Brasil, os idosos vivem angustiados com a desvalorização das aposentadorias e pensões pela questão econômica em si, mas, sobretudo, em decorrência da perda de valor social.

Nesse sentido, conforme a pesquisa de Costa e Soares (2009), “[...] muitos aposentados continuam trabalhando para garantir a qualidade de vida, embora existam aqueles que, mesmo alcançando uma boa renda, ao se aposentar, sentem dificuldade de se afastar das atividades laborativas devido às mudanças psicológicas que a aposentadoria costuma trazer.”

Para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 94-95), se o aposentado optar por continuar trabalhando, devem-se considerar as tendências do mundo do trabalho na atualidade e as possibilidades existentes de acordo com as suas preferências e qualificações, ou seja, deixar claro que a aposentadoria não significa o abandono do trabalho, mas de buscar outras possibilidades de trabalho que gere mais realização.

Portanto, nota-se a importância de elaborar propostas condizentes de trabalho para esses profissionais e respeitar suas qualidades profissionais e psicossociais. Dessa maneira, de acordo com França e Carneiro (2009), os setores de empresas, governo, sociedade e universidades devem reavaliar a reinserção dos aposentados que queiram continuar no mercado de trabalho. Para isso, é necessário que o preconceito no que se refere ao processo de envelhecimento seja reduzido, e que os trabalhadores sejam atualizados permanentemente, analisando as novas tendências do mercado, visando ao bem-estar dos indivíduos.

Embora muitos profissionais aposentados continuem trabalhando após a aposentadoria, é válido comentar que foram encontrados poucos estudos que nos remetem a analisar as concepções desses sujeitos sobre sua permanência no trabalho após a aposentadoria.

3 MÉTODO

Esta pesquisa é de caráter descritivo, de natureza qualitativa, composta por entrevista semiestruturada, contendo dois blocos temáticos. O bloco I com os dados de identificação dos sujeitos da pesquisa e o bloco II contendo perguntas norteadoras. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, contendo cinco questões abertas. Após a realização das entrevistas, os dados foram transcritos e analisados, relacionando-os com a literatura específica. A análise dos dados coletados com a pesquisa foi realizada por meio do conteúdo expresso nos relatos dos sujeitos entrevistados. Esses relatos são singulares, portanto, foram fundamentais para a obtenção dos resultados.

Vale ainda ressaltar que para comprovar a eficácia das questões de pesquisa, foi realizado um pré-teste com um aposentado que continua exercendo atividade laboral após sua aposentadoria, mas este não faz parte da amostra da pesquisa.

A opção pela pesquisa descritiva é que ela, conforme Gil (1999, p. 44), “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Além disso, por ser de natureza qualitativa nela se utilizam diferentes técnicas interpretativas para descrever e compreender os componentes de um fenômeno e seus significados, além de considerar o ambiente natural como uma fonte de dados. Seu caráter descritivo tem como preocupação maior, captar o significado que as pessoas atribuem aos fenômenos e à vida, bem como aos valores, crenças, opiniões e as representações dos sujeitos estudados (STRIEDER, 2009, p. 45).

Os sujeitos da pesquisa foram quatorze profissionais aposentados que continuam trabalhando em uma Universidade situada no Meio-Oeste de Santa Catarina. A escolha dos sujeitos foi realizada por meio do setor de recursos humanos da referida instituição, em que foi obtida a listagem com 26 sujeitos; três não participaram por estarem afastados por invalidez, um não trabalha mais na instituição, com um deles não foi possível estabelecer contato e sete não aceitaram participar da pesquisa.

Nesse sentido, como critérios de inclusão, fizeram parte da pesquisa os aposentados que continuam trabalhando e que aceitaram participar deste estudo. O critério de exclusão foi o não aceite e/ou a não possibilidade de participar da pesquisa.

O presente projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da referida Universidade para apreciação e aprovação. Somente com sua aprovação, foi iniciada a pesquisa.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As categorias analisadas na pesquisa foram relacionadas a partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 1 – Dados referentes aos sujeitos

Nomes	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de aposentadoria
S1	F	56	Superior Completo	3 anos
S2	F	61	Ensino Médio	1 ano e 6 meses
S3	M	63	Pós-Graduação	3 anos
S4	F	51	Pós-Graduação	3 anos
S5	M	65	Advocacia	17 anos
S6	M	61	Doutorado	9 anos
S7	M	63	Superior	3 anos
S8	F	54	Superior	3 anos
S9	M	61	Técnico de Ensino Médio	20 anos
S10	F	60	Mestrado	12 anos
S11	M	70	Mestrado	10 anos
S12	M	66	Doutorado	4 anos e 6 meses
S13	F	51	Superior	2 anos
S14	F	60	Mestrado	17 anos
Sujeito feminino	7			
Sujeito masculino	7			
Total de sujeito	14			

Fonte: os autores.

Observa-se no Quadro 1 que fizeram parte da pesquisa sete sujeitos do sexo feminino e sete do sexo masculino, totalizando quatorze sujeitos. Eles se encontram em uma faixa etária entre 51 e 70 anos de idade; a maioria possui curso superior, e o tempo de aposentadoria varia entre 1 e 20 anos.

4.1 SIGNIFICADOS DO TRABALHO PARA OS SUJEITOS

O trabalho é importante na vida dos sujeitos, porque, além de manter sua sobrevivência, confere aos sujeitos uma forma de identidade perante seu grupo social no qual o sujeito interage e se realiza profissionalmente. Por isso, faz-se necessário explanar sobre o significado do trabalho na vida dos sujeitos, pois para se aposentar é necessário trabalhar um determinado período de sua vida. Nessa categoria de análise, buscou-se abordar o significado que o trabalho apresenta na vida dos sujeitos.

De acordo com os relatos dos sujeitos, fica evidenciado que o significado do trabalho para a maioria dos sujeitos entrevistados (S1, S2, S4, S5, S6, S7, S9, S10 e S11) está diretamente relacionado à satisfação e à realização pessoal. Tal afirmação pode ser percebida no relato do S10: “[...] da realização pessoal, você se realiza pessoalmente fazendo uma produção sobre alguma coisa da qual você tem conhecimento [...]” (informação verbal).

A realização pessoal relatada pelo sujeito S10 que o trabalho confere aos sujeitos pode ser observada nos estudos de Araújo e Sachuk (2007), em que estes afirmam que o trabalho e a realização humana estão relacionados desde a antiga história da humanidade. Os autores ainda destacam que o trabalho é uma ação transformadora do homem sobre a natureza e que está presente desde as sociedades primitivas até as sociedades industrializadas e informatizadas de hoje.

Ainda no que se refere aos significados do trabalho, observa-se a questão do sentimento de utilidade, ou seja, sentir-se útil, como um dos aspectos que emerge nos relatos dos seguintes sujeitos (S1, S2, S3, S4, S5, S7, S10 e S11). Para estes, o sentimento de utilidade mostra-se com um significado extremamente marcante no trabalho, o que pode ser percebido nos seguintes relatos de S4 e S10, respectivamente: “[...] é um compromisso perante a sociedade [...] é, de alguma forma, ser útil com a sociedade.” “[...] você se sente uma pessoa útil para a sociedade.” (informações verbais).

Tal sentimento de utilidade vem ao encontro dos estudos realizados por Tolfo e Piccinini (2007), no qual elas relatam que no contexto social o trabalho somente tem sentido se o sujeito for capaz de contribuir e ser útil à socie-

dade. Nesse sentido, o trabalho não contribui apenas para o desenvolvimento do indivíduo, mas para a sociedade em geral.

É possível observar, ainda, que o trabalho pode apresentar sentidos diversos. Uma das concepções atribuída a ele pode ser percebida em estudos realizados por Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 23), os quais descrevem que, em virtude da influência psicossocial que o trabalho exerce na vida dos sujeitos, algumas pessoas, ao vivenciarem sua perda, tornam-se desorientadas, deprimidas e se sentindo emocionalmente inúteis.

Como pode ser observado por meio dos relatos dos sujeitos, o trabalho denota mais do que uma atividade de sobrevivência; significa uma atividade dinâmica, psicológica e de identidade, pois é por meio de uma atividade laboral que os sujeitos se relacionam socialmente e, desse modo, sentem-se parte integrante da sociedade, o que lhes confere o sentimento de utilidade.

Constatou-se por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa que os significados atribuídos ao trabalho para ambos os gêneros, na atualidade, são semelhantes. Somente uma pequena amostra de sujeitos, ambos do gênero feminino (S4 e S13), relatou que o trabalho representa independência financeira, conforme pode ser observado no relato de S4: “É uma forma de independência financeira [...]” (informação verbal).

Diante do exposto, observou-se que os relatos de S4 e S13 vem ao encontro dos estudos realizados por Santos (1990, p. 70), o qual afirma que o trabalho representa para o gênero masculino uma fonte de recursos. Já para o gênero feminino ele representa um meio de atingir objetivos, possibilitando e concretizando os desejos de independência.

O trabalho, no entanto, não representa somente uma forma de os sujeitos manterem seu sustento, mas também denota uma forma de organização humana e de interação social, em que o indivíduo se identifica e se relaciona com pessoas de culturas diferentes.

O que chamou a atenção foram os relatos dos sujeitos S1, do gênero feminino, e S6 e S12, ambos do gênero masculino, que destacaram que a ausência de preconceito no mundo acadêmico é notória, ou seja, não percebem diferenças entre o trabalho exercido por ambos os gêneros. Tal afirmação pode ser verificada nos relatos a seguir:

[...] essa questão de gênero ela é mais bem resolvida do que na sociedade em outros setores da sociedade, de modo que eu sempre vi o trabalho da mulher, nessa instituição, sem nenhum tipo de preconceito, muito pelo contrário, há entre os gêneros muita colaboração, igualdade. Não vejo nenhum tipo de preconceito. (informação verbal).

O S12 relata que

[...] aqui na instituição eu acho que não tem a menor diferença, [...] Pode ser que algum mercado de trabalho, em algum trabalho é [...] tenha algum preconceito, eu acho que dentro do campo de ensino superior não há mais nenhum tipo de [...] acho que existe uma total igualdade. (informação verbal).

Diante do supraexposto, observa-se que não existe diferença nos trabalhos realizados pelos gêneros no mundo universitário, contrapondo-se ao que a literatura científica traz. Conforme pesquisa realizada por Araújo et al. (2006), os quais discorreram sobre tal afirmação, partindo da constatação de que as instituições de ensino são um espaço feminino onde as relações de gênero se reproduzem e são observadas na sociedade, e prosseguem as diferenças de atribuições e de valorização social do trabalho realizado entre homens e mulheres. Além disso, conforme os referidos autores, os postos de trabalho docente que exigem maior qualificação formal ainda estão sendo ocupados, preferencialmente, pelos homens.

Essa questão de gênero pode estar relacionada aos fatores culturais da sociedade e das organizações institucionais, conforme estudos realizados por Schirato (2000, p. 119-122). De acordo com ele, a cultura das organizações possui um sistema de retroalimentação de seus valores, no qual o trabalhador é o ator principal da formação dessa cultura e, assim, torna-se seu maior reforçador do sistema da convivência da empresa. A cultura organizacional, no entanto, é a causa e o efeito do comportamento dos sujeitos em uma organização.

Ainda refletindo sobre a questão de preconceito entre gêneros, podemos perceber certa relação com a cultura que se estabelece dentro das instituições de ensino superior, embora, conforme observado nos relatos, o preconceito ainda ocorra em algumas organizações de trabalho.

4.3 PERCEPÇÕES DE APOSENTADORIA

Nessa categoria de análise, emerge a percepção dos sujeitos em relação à aposentadoria, podendo variar tanto negativa quanto positivamente. Pode-se perceber nos relatos dos sujeitos entrevistados diversos significados atribuídos à aposentadoria, como: benefícios assegurados, desatualização diante da modernidade, falta de preparação por parte de algumas instituições de trabalho, uma questão de sobrevivência, entre outros aspectos. De acordo com os relatos dos sujeitos da pesquisa, fica evidenciado que a aposentadoria está diretamente relacionada a um complemento que visa garantir e/ou auxiliar na manutenção e na sobrevivência do aposentado. Esse é um dos aspectos que emerge nos relatos dos sujeitos entrevistados S1, S2, S5, S7, S8, S9, S10, S11, conforme pode ser observado nos relatos a seguir: “[...] é um dinheirinho a mais que o sujeito tem [...] mas que se ele parar de trabalhar ele acaba tendo dificuldade de sobrevivência.” (S7, informação verbal).

Tal aspecto relatado por S7 vem ao encontro dos estudos realizados por Costa e Soares (2009): “[...] a situação da previdência pública que, em muitos países, não atende à condição mínima do aposentado, fazendo com que ele continue a trabalhar formal ou informalmente para a manutenção da vida [...]”

S11 relata com certa emoção que

[...] a aposentadoria é importante na vida do homem, porque o homem vai enfraquecendo, vai se debilitando e nem todos tem o apoio familiar, um amparo familiar que equivale assim a uma aposentadoria, são poucos que independem da aposentadoria como uma forma de sustentação [...] (informação verbal).

Como pode ser observado nos relatos dos sujeitos da pesquisa, a aposentadoria representa um complemento de salário e esse fato nem sempre é visto como um aspecto negativo na vida das pessoas, até mesmo para aqueles que dependem dela como uma necessidade de sobrevivência nesse momento de suas vidas. Em estudo realizado por Barbosa e Traesel (2013), estes afirmam que um dos aspectos importantes a serem salientados é que, por vezes, o sujeito aposentado permanece trabalhando por necessidade financeira ou por outros motivos relativos aos seus projetos de vida; porém, na concepção dos referidos autores, a questão da sobrevivência é o que de fato permanece mais evidente.

Para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 99), muitas pessoas retardam a aposentadoria por receio de lidar com o dinheiro, uma vez que em alguns casos a aposentadoria diminui a renda mensal, o que provoca angústia nessas pessoas por não saberem como enfrentar essa situação.

Os aspectos apontados pelos autores referidos guardam estreita relação com o estudo realizado por Soares e Costa (2011, p. 76), os quais destacam que os projetos financeiros dos sujeitos estão relacionados com a organização das finanças pessoais e familiares como uma forma de se adequar às novas condições salariais na aposentadoria em virtude das perdas que ela representa. Além desse aspecto, é importante notar que a redução de gastos é necessária para manter o padrão de vida e buscar outra atividade como uma forma de trazer retorno financeiro. Essa questão de retorno financeiro, para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 101), sempre esteve interligada com a trajetória profissional dos sujeitos.

Aposentar-se, para Papalia, Feldman e Martorell (2013, p. 614), consiste na mais penosa decisão e de estilo de vida que as pessoas precisam tomar à medida que se aproxima a vida adulta tardia, uma vez que isso afeta a situação financeira e o estado emocional dos sujeitos, tanto do ponto de vista familiar quanto em relação aos amigos.

Conforme Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 27), para entender o significado da aposentadoria na vida dos sujeitos, é necessário compreender e considerar as implicações da interação continuada das pessoas em seus contextos socioculturais, já que o processo de construção da identidade exige a existência de uma sociedade que influencia essa formação do ser humano.

Percebe-se por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa que a aposentadoria possui um significado direcionado para a sobrevivência, e que muitos sujeitos dependem dela como uma forma de sustentação. Porém vale ressaltar que a maioria dos sujeitos precisa permanecer trabalhando após a aposentadoria para complementar sua renda, já que sua aposentadoria não fornece as condições necessárias para sua sobrevivência.

No que se refere aos benefícios e sua relação com a aposentadoria, percebe-se a importância destes na vida dos sujeitos, como pode ser observado nos relatos dos sujeitos S4, S6, S7, S8, S10 S11. Para o S6, a aposentadoria

representa “[...] uma frustração muito grande em relação primeiro aos benefícios da aposentadoria [...]” (informação verbal).

Este relato apresenta estreita relação com os estudos realizados por França, Menezes e Siqueira (2012), os quais afirmam que muitos aposentados recebem apenas o suficiente para sobreviver e essa situação se agrava na medida em que os benefícios nem sempre acompanham a evolução do salário mínimo ou dos níveis de inflação.

Para o S10: “[...] a aposentadoria para mim chegou apenas para somar [...] vamos dizer assim é um prêmio para mim [...] eu estaria recebendo o que eu havia feito pelo meu trabalho para sociedade [...]” (informação verbal).

S11 relata que “[...] a aposentadoria do ponto de vista social é extraordinariamente [...] benéfica e importante para a vida do homem e claro é o sonho de todos se aposentarem até com uma aposentadoria assim de certa [...] de quanto maior [...]” (informação verbal).

Santos (1990, p. 1) afirma que a aposentadoria é um direito adquirido pelos trabalhadores e um marco que define a passagem do trabalho ao repouso, marcando profundamente a vida dos sujeitos.

Para França e Soares (2009), “As atitudes frente à importância dos ganhos e das perdas da aposentadoria dependem de diversos aspectos que irão variar de acordo com a perspectiva individual, social, familiar, econômica, sociopolítica e ambiental da coletividade onde os aposentados estão inseridos [...]”

Quanto aos benefícios da aposentadoria da Previdência Social, conforme Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 92), podem acontecer por tempo de contribuição, invalidez, idade e aposentadoria especial. Todavia, em estudos realizados por Siqueira (2011, p. 19-20), este afirma que são preocupantes os critérios e a preservação do equilíbrio financeiro atual da Previdência Social em razão do aumento do número de beneficiários, que não acompanha o número de contribuintes. Isso deve implicar uma necessidade maior de planejamento da Previdência na tentativa de suprir as necessidades mínimas dos beneficiários idosos, visando à garantia de padrão digno de vida e, dessa forma, evitando um colapso no futuro.

Ainda em relação à percepção dos sujeitos sobre a aposentadoria, observou-se por meio dos relatos dos sujeitos (S3, S6, S10, S11, S14) que a aposentadoria representa certo impacto na vida dos sujeitos, provocando sentimentos que remetem à inutilidade, ao vazio, bem como à certa expectativa do que está por vir. Tal afirmação pode ser elucidada nos seguintes relatos: “[...] se essa pessoa não continuar trabalhando na instituição ela não tem base psicológica para poder enfrentar [...] outra situação de vida [...]” (S6, informação verbal).

S11 emocionado e reflexivo relata que

[...] por mais que falem, a aposentadoria traz um impacto na pessoa [...] logo que a pessoa se aposenta ela começa a ter umas reflexões um pouco diferentes, que o trabalho que a gente tem no momento ele é intenso [...] ele ocupa nossa vida inteiramente, então a gente não pensa no que vai acontecer depois. Então, logo que você se aposenta, você meio cai no vazio e você vê a diferença de estar trabalhando e de estar aposentado, não só pelo fato de ter aparentemente entrado num período de folga, de descanso, mas também por essa paralisação que interrompe um fluxo normal de vida, de uma atividade que é consequência da debilitação, digamos assim, mais física do que psíquica e intelectual do homem, então a gente cai meio num vazio. (informação verbal).

Esse sentimento de vazio relatado pelos sujeitos no que se refere à aposentadoria, de acordo com Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 96), “[...] é explicado pelo desaparecimento de referências de tempo e espaço que o trabalho até então vinha proporcionando às suas vidas. Os relacionamentos construídos no trabalho também são responsáveis pela formação do autoconceito.” Desse modo, e de acordo com Soares e Costa (2011, p. 22), “O rompimento das relações de trabalho devido à aposentadoria traz impactos indiscutíveis no contexto global da vida, gerando muito além de um simples término de carreira ou do afastamento de um emprego.” Para as autoras, os sujeitos aposentados apresentam dificuldade de buscar outras atividades, remuneradas ou não, em razão de seus sentimentos e da sociedade.

Os relatos dos sujeitos vêm ao encontro dos estudos realizados por Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 94), nos quais eles descrevem que “[...] é importante salientar o quanto o desligamento formal do trabalho encontra-se vinculado à perda do ter e tal fato pode constituir-se em uma das principais explicações para as crises que acompanham a aposentadoria.”

O rompimento das relações de trabalho tem impacto indiscutível, ainda que varie de pessoa para pessoa [...]. A aposentadoria implica bem mais que um simples término de carreira. A interrupção de atividades praticadas durante muitos anos, o rompimento dos vínculos e a troca dos hábitos cotidianos representam imposições de mudança no mundo pessoal e social. Quando as relações de trabalho são compostas de modo que o trabalhador se aproprie do processo de criação, ele se sente valorizado, desenvolve a autoestima e a consciência de cidadania [...] (ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 32).

Conforme Barbosa e Traesel (2013), “[...] o impacto causado pela aposentadoria dependerá da importância atribuída pelo sujeito ao seu trabalho e às relações sociais e, ainda, do grau de abertura para a construção de novos laços afetivos.”

A aposentadoria, de acordo com Santos (1990, p. 24), pode representar sentimento de inutilidade ou a cessação da atividade laboral do sujeito, podendo, ainda, ser confundida com o fim da vida ou gerar o sentimento de vazio. O sentimento de inutilidade e de desvalorização, conforme Santos (1990, p. 26), origina-se nos grupos sociais, em que as pessoas idosas são percebidas como inúteis e ultrapassadas.

Dessa forma, França e Soares (2009) destacam que na adaptação da aposentadoria diversos fatores devem ser observados do ponto de vista psicossocial, entre eles analisar as atitudes dos trabalhadores diante das perdas e dos ganhos que surgem nessa passagem, de forma que os ganhos possam ser reforçados e o impacto das perdas seja contornado por meio do planejamento.

Percebe-se no decorrer dos relatos dos sujeitos que a aposentadoria provoca impactos na vida destes, e que a ruptura do trabalho, quando ocorre de forma abrupta, pode ocasionar sofrimento e sintomas de desamparo no aposentado, influenciando em sua vida pessoal, social e, de certa maneira, contribuindo para seu adoecimento.

Outro aspecto que emergiu e que chamou a atenção nos relatos dos sujeitos da pesquisa se refere à preparação para a aposentadoria. A preparação para a aposentadoria é um mecanismo importante para auxiliar os sujeitos nessa fase de transição, uma vez que a falta de preparação pode provocar impactos na vida dos sujeitos, até mesmo naqueles que, de alguma maneira, vinham se preparando ao longo dos anos, porém sem o auxílio de profissionais especializados.

Para tanto, observou-se por intermédio dos relatos de todos os sujeitos que eles não passaram por nenhum tipo de preparação e/ou orientação para a aposentadoria por parte da instituição a qual fazem parte, como ficou evidenciado no seguinte relato:

Eu mesmo me preparei; só tive noção do que era a aposentadoria quando me aposentei. Eu acho que o governo poderia ter um plano de esclarecimento, de convencimento do que ele pode fazer, do que ele deve fazer, principalmente porque quando a pessoa se aposenta ela fica mais perto do remédio, mais perto do médico, mais perto do hospital [...] (S5, informação verbal).

Nesse sentido, Caldas (2012, p. 75-76) relata em sua pesquisa que a maioria das pessoas não está preparada para a chegada da aposentadoria. Assim se o sujeito não souber como lidar com essa situação para melhorar sua qualidade de vida, a aposentadoria pode tornar-se uma carga em vez de uma oportunidade. Além disso, para a mesma autora, a saúde é um recurso necessário para que se possam realizar novos projetos de vida após a aposentadoria; sua promoção é uma responsabilidade compartilhada pelo indivíduo e pelo Estado.

O S6 menciona que:

A preparação por parte da instituição não houve, houve da minha parte [...] muita leitura, porque hoje a gente tem como acessar informações, artigos, que te orienta em relação ao que é a vida pós a aposentadoria, mas nunca é uma preparação de grupo, por exemplo, onde as pessoas possam compartilhar [...] por meio de um curso, de um seminário, de uma palestra há muitos anos se fala, nessa questão, nesses problemas [...], mas hoje se agravaram porque com a longevidade, com a qualidade de vida, as pessoas vão vivendo mais [...] e hoje com setenta anos de idade, por exemplo, as pessoas ainda podem estar em plena atividade profissional [...] Então, penso que é uma questão que precisa ser pensada, tanto por parte daquela pessoa que vai se aposentar como por parte da instituição. Essa preparação [...] ela não seria difícil de ser feita bastaria ter no RH uma psicóloga ou um psicólogo que viesse [...] conversando e preparando as pessoas para a aposentadoria, seja ela pelo INSS, seja ela pela aposentadoria complementar. A aposentadoria é [...] se não for [...] se não houver uma preparação a pessoa, ela vai encontrar certamente problemas [...] (informação verbal).

Os programas de preparação para a aposentadoria e as vivências grupais, mencionados pelo S6, são fundamentais, conforme França e Soares (2009 apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 109), pois associados a palestras informativas os participantes vivenciam seus sentimentos relacionados à aposentadoria e relacionam aos conceitos apresentados nas palestras. Dessa forma, as vivências permitem aos participantes melhor compreensão desse momento de suas vidas. Além disso, a aprendizagem em grupo possibilita o desenvolvimento humano ao longo da vida, por meio das trocas de experiências enfatizadas no trabalho.

Além disso, em estudos realizados por Soares e Costa (2011, p. 256), estes destacam que:

A Orientação Psicológica para a Aposentadoria é uma proposta de atuação da psicologia, com o acompanhamento de carreira realizado durante toda a vida dos sujeitos, mediante envolvimento da família, da sociedade, das empresas, de órgãos governamentais e universidades. [...] esta orientação não visa apenas a tratar dos “sintomas” ou doença que surgem de aposentadorias mal sucedidas, objetiva, primeiramente, atuar de forma “preventiva”, trabalhando os aspectos psicológicos de evolução da carreira. [...] a Orientação Psicológica para a Aposentadoria comporta novas possibilidades de atuação e volta-se para criação de condições objetivas de se trabalhar com maior abrangência e qualidade as questões que envolvem a aposentadoria.

O S11 também relata não ter passado por nenhum processo de preparação para a aposentadoria, embora em seu relato cite o seguinte:

[...] eu não passei, mas eu me preparei. Pensei muito antes já quando fiz o concurso, já fiz pensando na aposentadoria. Eu passei quase que estudando direto depois de doze anos de exercício profissional, passei dois anos estudando só para o concurso. Então, diminuí o trabalho no escritório meio dia, e meio dia e à noite, sábado e domingo passei a estudar, mas justamente porque eu estava pensando na aposentadoria [...]

A preparação para a aposentadoria, de acordo com os estudos realizados por França e Soares (2009), facilita o bem-estar dos futuros aposentados, pois destaca os aspectos positivos e negativos da transição, bem como a discussão de alternativas para lidar com eles. O bem-estar dos aposentados representa um saldo positivo para toda a sociedade, pois afasta possíveis doenças e, por sua vez, acaba se revertendo em economia para os serviços de saúde pública e privada. Uma vez que “[...] a aposentadoria representa um momento onde o sujeito deve repensar e redefinir sua vida, ao mesmo tempo em que deve assumir sua velhice e o estigma de ser ‘inativo’, ela provavelmente suscitará uma crise no nível de identidade [...]” (SANTOS 1990, p. 13, grifo do autor).

Esses são alguns dos motivos da importância de orientações para a chegada da aposentadoria, tanto por parte das instituições de trabalho quanto por parte dos próprios sujeitos. Portanto, a preparação para a aposentadoria, conforme estudos realizados por Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 43), visa educar os sujeitos no sentido de esclarecer a tomada de decisão ou reflexão no sentido de busca de novas áreas de interesse para o aposentado, incentivando-o a descobrir novas potencialidades e prevenção de conflitos que possam emergir com a chegada da aposentadoria.

No mesmo sentido, em estudos realizados por Soares e Costa (2011, p. 42), estes descrevem que quando o sujeito se depara com a aposentadoria sem estar devidamente preparado ele pode se confrontar com crises de identidade e, conseqüentemente, sofrer dificuldade de elaboração de novos projetos de futuro, o que pode resultar em uma crise psicológica.

Além disso, de acordo com estudos de Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 84), com os programas de orientação para a aposentadoria se tem como objetivo discutir sobre os aspectos biológicos, sociais, financeiros, culturais, psicológicos, entre outros, que se destacam com maior intensidade durante a aposentadoria. Também se tem como objetivo reduzir a ansiedade e a dificuldades associadas a essa nova fase, bem como servir como facilitador na elaboração de novos projetos de vida e, ainda, para promover aprendizado de informações e de ajustes às novas situações e de processo de continuidade.

Constatou-se por meio dos relatos dos sujeitos que não houve uma preparação específica para a aposentadoria por parte da instituição, mas somente alguns sujeitos procuraram se preparar em um contexto individual e pessoal por meio da prática de leituras, mas não buscando profissionais especializados na área. Verificou-se, no entanto,

a relevância de uma preparação para a aposentadoria, e ela pode ser realizada dentro das instituições, abordando-se diversos contextos tanto do ponto de vista social quanto individual.

4.4 PERMANÊNCIA NO TRABALHO APÓS A APOSENTADORIA

Nessa categoria de análise emerge a concepção dos aposentados sobre sua permanência no trabalho após a aposentadoria, em que se pode perceber que a permanência no trabalho significa uma ocupação nessa fase da vida, uma forma de manter-se atualizado, sentir-se útil e de interação social. Tais aspectos já ficaram evidentes na temática percepção dos sujeitos sobre a aposentadoria e que emergiu novamente nessa categoria por meio dos relatos da maioria dos sujeitos (especificamente, nos sujeitos S1, S2, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S14).

Para o S4, permanecer no trabalho representa “[...] estar envolvida com as pessoas e continuar sendo útil para a sociedade.”

O relato do S4 vem ao encontro da pesquisa de Fernandes (2010), na qual a autora relata que para a maioria dos aposentados que fizeram parte de seu estudo, continuar trabalhando após a aposentadoria significa uma maneira de eles se sentirem úteis. Tal fato denota que o trabalho confere ao homem o sentimento de utilidade. Desse modo, conforme pesquisa de Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 29), a interrupção do trabalho e a consequente perda dos vínculos sociais estabelecidos nesse contexto podem resultar em sentimentos de inutilidade.

Nesse mesmo contexto, continuar trabalhando após a aposentadoria para o S5 representa manter uma atividade laboral para ter uma ocupação e se sentir vivo nessa fase da vida, como pode ser observado em seu relato:

[...] a gente tem que continuar trabalhando. Tem que continuar trabalhando diminuindo o ritmo, então, priorizando algumas coisas [...] eu tenho muitos amigos que se aposentaram, deixaram de trabalhar e esperaram o quê? Esperaram a morte, arrumaram alguma atividade na igreja, alguma atividade filantrópica ou atividade no clube. [...] quando eu me aposentei, a perspectiva de vida era de sessenta e quatro, sessenta e cinco anos, hoje a gente já está pensando que vai aos oitenta [...] vai ter uma vida bem maior. (informação verbal).

Santos (1990, p. 13) afirma que o modo como os sujeitos vivem a aposentadoria depende da história de vida de cada um, de suas relações com a sociedade, sobretudo com o papel profissional e seu modo de enfrentar as perdas e de se adaptar às novas situações.

A estreita associação entre aposentadoria, velhice e morte, de acordo com Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 95), é porque a aposentadoria seria coisa para velho; nesse sentido, não restaria mais nada para ele a não ser esperar a morte.

O S11 destaca:

[...] continuo lecionando na faculdade, até mais para ter uma ocupação nobre. Então, obviamente, continuei lecionando na faculdade coisas que eu faço, assim, com muito prazer, porque é lá que eu me atualizo no direito. Não sei se é o caso de outros também, mas realmente a faculdade é um meio de você se manter atualizado, de manter essa interação com os jovens e acompanhar a evolução o trabalho é uma ocupação fundamental e também aderi à continuidade da advocacia, porque é o que sei fazer e eu sinto prazer em estar trabalhando [...] (informação verbal).

O S14, ainda, relata que “[...] toda a minha turma já é aposentada. A geração, muitas sofreram, porque de repente ficam sem nada e esse é o motivo que a maioria retorna [...]”

Em estudos realizados por França, Menezes e Siqueira (2012), estes destacam que alguns aposentados possuem recursos financeiros para desfrutar de uma vida social intensa, com oportunidades de lazer diversificadas, no entanto, o fato de continuar trabalhando para esses sujeitos não está correlacionado ao aspecto financeiro, mas com a identidade que o trabalho lhes confere. Do mesmo modo, esse aspecto ocorre nos estudos realizados por Soares e Costa (2011, p. 33), nos quais eles afirmam que há aqueles sujeitos que têm condições de se aposentar com uma boa renda e deixar de trabalhar, mas não conseguem se desvincular do trabalho; essa questão requer atenção em razão da influência que a atividade laboral tem na construção da identidade do sujeito.

[...] As pessoas podem continuar trabalhando para manter sua saúde física e emocional e seus papéis pessoal e social, ou simplesmente porque apreciam a estimulação do trabalho, e suas razões podem mudar em momentos diferentes (CZAJA, 2006; STERNS; HUYCK, 2001). Outros trabalham principalmente por razões financeiras [...] (PAPALIA; FELDMAN; MARTORELL, 2013, p. 536).

Nesse sentido, a preparação para a aposentadoria tem como objetivo auxiliar no entendimento das possibilidades de vida no pós-carreira, em razão da acentuada mudança que vem ocorrendo em relação à expectativa de vida da população brasileira. Conforme as pesquisas realizadas por França, Menezes e Siqueira (2012), as organizações possuem grandes desafios, entre eles garantir o bem-estar dos trabalhadores mais velhos que irão se aposentar, bem como daqueles que irão continuar trabalhando.

A aposentadoria, no entanto, para França, Menezes e Siqueira (2012), é um tema ainda incerto, que vem acompanhado por muitas ambivalências, entre elas se pode citar a idade da concessão dos benefícios, as formas de acesso, a situação econômica, as condições de saúde e outros aspectos que podem influenciar a permanência ou a saída dos trabalhadores mais velhos das organizações.

Um dos aspectos que teve maior destaque na pesquisa diz respeito à manutenção e sobrevivência dos aposentados, como já ficou evidente na temática percepção dos sujeitos sobre a aposentadoria e que emergiu novamente nesse tema por meio dos relatos dos sujeitos S3, S4, S8, S9, S14. Dessa maneira, fica evidente que essa é uma questão que precisa ser revista pelos órgãos responsáveis e pela Previdência Social, uma vez que nem todos os aposentados conseguem ter uma atividade laboral para complementar a renda da aposentadoria, além de não conseguirem se manter com a aposentadoria disponibilizada por ela.

Em pesquisa realizada por França (2012, p. 29), em que afirma que a reforma da Previdência Social é uma questão polêmica e requer reformulações, pois o sistema é marcado por desigualdades tanto nas aposentadorias do setor público quanto do privado. Essa discussão permanece em pauta; no entanto, é necessário tomar medidas urgentes que evitem uma catástrofe no sistema previdenciário. A autora, ainda, afirma que, na maioria das vezes, as aposentadorias são bem inferiores do que os valores recebidos enquanto os aposentados estavam trabalhando, e esses valores vêm caindo ano a ano em razão da inflação.

Tal reflexão apresentada pela autora apresenta relação com estudos realizados por Santos (1990, p. 49), nos quais ele afirma que a aposentadoria provoca um impacto na vida econômica dos sujeitos menos favorecidos; dessa forma, pode-se compreender a necessidade destes em permanecer em uma atividade remunerada após a aposentadoria, uma vez que essa atividade vai proporcionar um aumento na renda familiar.

Como pode ser observado no relato do sujeito da pesquisa S3, o trabalho após a aposentadoria “[...] é uma maneira que eu tenho [...] de completar os valores da minha aposentadoria, porque a aposentadoria não me supre as necessidades de hoje [...]” (informação verbal).

Nesse mesmo aspecto, Soares e Costa (2011, p. 33) afirmam em seus estudos que ocorre uma dicotomia em relação ao processo de aposentadoria, uma vez que a situação da previdência pública não atende às condições mínimas do aposentado, fazendo com que as pessoas continuem exercendo uma atividade laboral de forma informal ou formal para suprir suas necessidades.

Desse modo, foi possível perceber que a continuidade no trabalho após a aposentadoria é uma forma de manter as relações sociais, de se sentir útil, de manter uma ocupação, entre outros. Porém o principal motivo da continuidade dos aposentados no trabalho é complementar a renda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constataram-se na pesquisa diversos significados atribuídos ao trabalho, os quais se assemelham nos sujeitos de ambos os gêneros. O trabalho, no entanto, é mais do que uma atividade de sobrevivência, é uma atividade ampla que confere aos sujeitos identidade; é por meio dele que os sujeitos se relacionam socialmente e, desse modo, sentem-se parte da sociedade, o que lhes proporciona o sentimento de utilidade e realização.

No que diz respeito à aposentadoria, ela está intimamente relacionada com a forma que o sujeito compreende o mundo do trabalho e de sua participação neste mundo, pois com a longevidade é compreensível e necessário que os aposentados permaneçam trabalhando para complementar sua renda, para o sustento da família, como foi amplamente evidenciado na pesquisa. Além disso, é uma maneira de manter uma ocupação, de se sentir útil perante a sociedade, de aumentar sua autoestima e a saúde psicossocial.

No entanto, ficou evidente que o rompimento das relações do trabalho em decorrência da aposentadoria provoca impactos na vida dos sujeitos em virtude da perda de espaços e *status* que eles conquistaram ao longo dos anos e, desse modo, eles acabam se frustrando diante dessa situação de perda, ocasionando sofrimento, sentimentos de vazio e de desamparo no aposentado, influenciando em sua vida pessoal e social e, de certa maneira, também, poderá causar para seu adoecimento. Isso denota que o término da carreira ocasiona uma interrupção significativa na vida das pessoas, e esse rompimento dos vínculos e a troca de hábitos cotidianos representam mudanças na vida social e psicológica dos sujeitos.

Outro fator que ficou evidenciado foi a falta de preparação para a aposentadoria, já que essa preparação é um dos mecanismos importantes para auxiliar os sujeitos nessa fase de transição para a aposentadoria. Essa orientação para a aposentadoria visa esclarecer e discutir aspectos biológicos, sociais, financeiros, culturais, psicológicos, entre outros fatores, que servem para diminuir ansiedades e dificuldades diante dessa nova fase da vida. Além disso, ela serve para promover aprendizados de ajustes às novas situações e ao processo de continuidade.

Quanto à permanência no trabalho após a aposentadoria, ficou evidente que está relacionada com os vínculos sociais que o trabalho proporciona para os aposentados, além de possibilitar a eles uma forma de ocupação, atualização e de se sentir útil nessa fase da vida. Outro aspecto que ficou evidenciado se refere ao complemento da renda, uma vez que o valor do benefício recebido da aposentadoria não atende às necessidades de sustentação dos aposentados.

Dessa forma, a aposentadoria deve ser uma livre escolha, embora o planejamento seja fundamental para a adaptação dos sujeitos nessa transição. Assim, as organizações de trabalho precisam se adequar a essa nova realidade e proporcionar o desenvolvimento de trabalhos realizados por profissionais especializados, como psicólogos. Nesse sentido, o Setor de Recursos Humanos precisa investir em trabalhos de preparação e/ou orientação para prevenir problemas e auxiliar os trabalhadores na transição para a aposentadoria.

Além disso, no caso de o profissional optar por permanecer trabalhando, é necessário elaborar e/ou remanejar ou, ainda, contribuir para a reinserção do sujeito ao trabalho. Essas questões estão cada vez mais contextualizadas, na atualidade, em razão do aumento da expectativa de vida dos sujeitos. Assim, essas ações são uma maneira de contribuir com a saúde psicológica dos aposentados, e, conseqüentemente, com a saúde pública do País.

Desse modo, podem-se fazer alguns questionamentos e/ou sugestões para pesquisas futuras em relação à longevidade. Entre os questionamentos destacam-se: O que se está fazendo para inserir os aposentados nas instituições de trabalho?

Com o aumento da longevidade, será que as instituições estarão preparadas em 2025 para a nova realidade do mercado de trabalho?

Em relação à expectativa de vida e à diminuição da taxa de natalidade, o que se está fazendo para garantir a aposentadoria a partir de 2025?

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ALVARENGA, Líria Núbia et al. **Repercussões da aposentadoria na qualidade de vida do idoso**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 43, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000400009&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2012.

ARAÚJO, Romilda Ramos de; SACHUK, Maria Iolanda. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. *Revista de Gestão USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, mar. 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1809-22762007000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 ago. 2012.

ARAÚJO, Tânia Maria de et al. Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, out./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000400032&lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2012.

BARBOSA, Tamires Machado; TRAESEL, Elisete Soares. Pré-aposentadoria: Um desafio a ser enfrentado. **Centro Universitário Franciscano - UNIFRA - Santa Maria – RS**, Brasil, Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2053/2728>>. Acesso em: 31 ago. 2013.

CALDAS, Célia. Promoção da saúde na aposentadoria. In: FRANÇA, Lucia; STEPANSKY, Deisy (Org.). **Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200013&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2012.

COSTA, Aline Bogoni; SOARES, Dulce Helena Penna. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista de Psicologia**, Florianópolis, v. 9, n. 2, dez. 2009. Acesso em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-66572009000200009&script=sci_arttext>. Disponível em: 16 set. 2012.

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000400006&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 ago. 2012.

DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

FERNANDES, Liliane. **Aposentadoria e qualidade de vida**: A relação entre a percepção de gestores e funcionários sobre as decorrências da aposentadoria na qualidade de vida de pré-aposentados. 2010. 92 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)–Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2010. Disponível em: <<http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2010/12/LILIANE%20FERNANDES.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; CARNEIRO, Verônica Lopes. Programas de preparação para a aposentadoria: um estudo com trabalhadores mais velhos em Resende (RJ). **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232009000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2012.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. Envelhecimento dos trabalhadores nas organizações: Estamos preparados? In: FRANÇA, Lucia; STEPANSKY, Deisy (Org.). **Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria**. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; MENEZES, Gustavo Silva; SIQUEIRA, Andreia da Rocha. Planejamento para aposentadoria: a visão dos garis. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232012000400012&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 set. 2013.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho. Prefácio. In: ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Pena. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: Construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SOARES, Dulce Helena Penna. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. **Psicologia: ciências e profissão**, v. 29, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400007&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tábuas abreviadas de mortalidade por sexo e idade**: Brasil, grandes regiões e unidades da federação. 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabusas_Abreviadas_de_Mortalidade/2010/tabuas_abreviadas_publicacao_2010.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.

LIMA, Cássia Helena Pereira; VIEIRA, Adriane. Do sacrifício ao sacro ofício: Um modelo para a compreensão do significado do trabalho. In: GOULART, Iris Barbosa (Org.). **Temas de psicologia e administração**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: estudo de caso com professores universitários. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 4, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400005&lng=es&nrm=iso&tlng=es>. Acesso em: 12 jul. 2012.

OLIVEIRA, Catarino de; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALBUQUERQUE, Eduardo Simões de. Análise do bem-estar psicossocial de aposentados de Goiânia. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, out./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000400015&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2012.

PAPALIA, Daiane; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. **O Feitiço das Organizações**: Sistemas imaginários. São Paulo: Atlas, 2000.

SIQUEIRA, Thiago Barros de. **A proteção da idade avançada no regime geral de previdência social**. São Paulo: Conceito Editorial, 2011.

SOARES, Dulce Helena Penna; COSTA, Aline Bogoni. **Aposentação**: aposentadoria para ação. São Paulo: Vetor, 2011.

SOUZA, Rosângela Ferreira de; MATIAS, Hernani Aparecido; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000600021&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2012.

STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa**: Metodologia do trabalho científico. Joaçaba: Ed. Unoesc, 2009.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&userID=-2>. Acesso em: 17 set. 2013.

ZANELLI, José Carlos; SILVA, Narbal; SOARES, Dulce Helena Pena. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**: Construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

